

O TRABALHO PARA A VIDA E A VIDA PARA O TRABALHO: UMA CONFLUÊNCIA ENTRE NIETZSCHE E FOUCAULT ACERCA DO HOMEM MODERNO

Guilherme de Freitas Leal¹

Resumo: O principal objetivo deste artigo é o de compreender alguns aspectos fundamentais ao modo de pensar e fazer política tal como se desenvolveu a partir da modernidade tendo como referência principal a contraposição entre pequena política e grande política a partir da obra de Friedrich Nietzsche em relação com a concepção de biopolítica pelos ditos e escritos de Michel Foucault. Mais especificamente, a presente abordagem constituir-se-á a partir da relevância dada ao trabalho na construção das sociedades modernas dentro da avaliação feita pelo filósofo alemão e pelo pensador francês supracitados. Nos termos de Nietzsche, uma cultura que não valoriza o espírito, mas que é elaborada por “escravos” modernos, tendo em vista justamente a centralidade do trabalho na construção da vida social bem como da política, mais acentuadamente a partir do século XIX. Pelas ideias de Foucault, indivíduos constantemente disciplinados e regulados através do trabalho como aspecto fundamental da governamentalidade moderna a fim de promover o biogoverno de vidas úteis e ao mesmo tempo dóceis. Trazendo, ademais, o papel da formação, isto é, aquilo que se põe como objetivo à educação nos dois autores a fim de clarear as características principais da sociedade moderna. Notando, desse modo, a relação entre Nietzsche e Foucault quanto ao apontamento de que a formação educacional que se desenvolve desde o capitalismo industrial busca estruturar o sujeito a fim de que se torne trabalhador, isto é, no intuito de integrá-lo ao sistema de produção-consumo para deles exaurir o máximo de contribuição à manutenção do modelo já estabelecido.

Palavras-chave: ética – política – modernidade – trabalho – consumo

Friedrich Nietzsche, pensador alemão do século XIX, escreveu inúmeros textos onde deixou registrado seu pensamento acerca da política e da cultura próprias da modernidade². Diante do forte fôlego que o capitalismo industrial teve para se tornar o modelo socioeconômico predominante na Europa, Nietzsche apresenta suas críticas sobre o modo de pensar e de viver que se consolida ao longo de sua época. Nesse sentido, o principal aspecto nietzschiano que norteará a elaboração desse artigo refere-se à concepção

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). E-mail: guilhermefreitasufg@gmail.com.

² Nesse primeiro momento de referência à Modernidade enquanto um período histórico determinado, deve-se ressaltar que o presente artigo recorre à definição da mesma num contexto em que também se define a Idade Clássica retiradas dos estudos de Foucault. Sinteticamente o pensador francês apresenta os séculos XVII e XVIII como a Idade Clássica e os séculos XIX até o XX como a Modernidade política. Distinção retirada da esquematização feita na obra de Esther Díaz, *A filosofia de Michel Foucault*.

fundamental de trabalho apresentada no contexto da crítica capitalista, isto é, da economia permeando-se na política, as consequências e os efeitos na construção do que os indivíduos modernos chamam de cultura.

Desde a Revolução Industrial a concepção de trabalho passou por um processo de mudança estrutural, deixando para trás de vez o modelo de trabalho servil. Essa inserção desse novo modo de trabalho, a saber, o da fábrica, trouxe mudanças sociais, econômicas e políticas muito relevantes. Destaca-se a cultura em relação ao modo de fazer política pensando ambos a partir de princípios econômicos que, por sua vez, se sustentam numa concepção de trabalho que ajuda a transparecer esses sujeitos modernos que não possuem aquela vontade de poder pensada pelo filósofo alemão, mas apenas a força maquinal para exercer as atividades mais simples na manutenção de suas vidas.

A obra de Nietzsche permite uma compreensão singular acerca da modernidade – desse “mundo onde tudo conduz à escravidão”³ – tendo em vista o seu embasamento num modelo de trabalho que não é emancipatório. A partir da modernidade, certa compreensão acerca do trabalho – aquele da fábrica, técnico e especializado –, não só ganhou destaque como se tornou fundamental para o desenvolvimento de uma cultura que o pensador alemão aponta como sendo própria dos espíritos inferiores e sua mentalidade de escravo. Em outras palavras, culturas elaboradas tendo o trabalho como essencial, mas um tipo de atividade que não permite a concepção de novos valores, apenas a repetição dos costumes que compõem a tradição.

O conceito de *homo oeconomicus* de Michel Foucault enquanto o modelo do indivíduo moderno que melhor funciona como parceiro da atuação governamental do biogoverno em sua manutenção do *bíos* de cada um, por outro lado, muito se assemelha ao espírito inferior de que nos fala Nietzsche. Observamos, portanto, o sujeito autointeressado apresentado pelo pensador francês como o modelo desses indivíduos uniformes que unicamente vivem para trabalhar e trabalham para viver. Em síntese, elaboramos a convergência de compreensões acerca do homem moderno de Nietzsche e o sujeito de interesse de Foucault a fim de delinear o indivíduo próprio da modernidade.

Observando assim quem é esse indivíduo sociopolítico moderno, o modo como ele constrói sua vida, o princípio mais básico que orienta suas relações com os outros, enfim, a cultura que sua mentalidade consegue elaborar. Compreendendo, por conseguinte, por que, para ambos os autores – tanto Foucault quanto Nietzsche⁴ –, o sujeito moderno é a representação de um modo de vida medíocre que se limita apenas ao trabalho e à degustação dos frutos que o mesmo lhe é capaz de fornecer. Indivíduos que estão tão longe de compreender

³ NIETZSCHE, *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, p. 39.

⁴ O presente artigo, nesta relação que pretende estabelecer entre Nietzsche e Foucault, esclarece junto de Marcos Nalli (“Foucault: um fenomenólogo *malgré lui*?”, p. 263) que Foucault não é lido nem apresentado como acréscimo, alguém que desenvolve as ideias de Nietzsche, como “uma espécie de nota de rodapé, ou de um adendo, ao pensamento nietzschiano”. Repudia-se, portanto, a ingenuidade de pensar Foucault como discípulo de Nietzsche, estabelecendo alguma relação de filiação entre esses autores, não é tratar Foucault como nietzschiano nem Nietzsche como foucaultiano. O que apontar-se-á entre esses dois pensadores é, como aponta Nalli, um ponto de contato, um ponto de tangência que ambos compartilham.

[...] quão grande é a força plástica de um homem, de um povo, de uma cultura, quero dizer, aquela força de se erguer a partir de si mesmo, de transformar e incorporar o passado e o estranho, de curar feridas, de substituir o perdido e reconstruir a partir de formas arruinadas.⁵

Um indivíduo da modernidade como aquele homem ignorante de sua vontade de potência, isto é, de sua capacidade de produzir valores novos além dos costumes massificados já instituídos pelos hábitos sociais. O indivíduo moderno é perfeito para suportar o que Diego Goicochea caracteriza como “a tendência niveladora da democracia moderna que tende a conservar o dado em vez de subvertê-lo”⁶. É o dificultar para Nietzsche do surgimento do gênio enquanto aquele indivíduo capaz de elaborar novos valores para além do que somente a tradição apresenta, para além da mesmice niveladora do sistema democrático-capitalista.

Para Foucault, constitui-se na modernidade o sujeito normalizado que age numa sociedade totalmente regulamentada e padronizada graças a inúmeras aplicações de técnicas e procedimentos de governo da conduta desses indivíduos/sujeitos. Os mais variados mecanismos disciplinares⁷ e os mais diversos e bem estruturados dispositivos de segurança⁸

⁵ NIETZSCHE, *Segunda consideração extemporânea: sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, p. 5.

⁶ GOICOCHEA, *La crítica de Nietzsche a la democracia*, p. 112. Tradução própria a partir do original em espanhol.

⁷ De acordo com Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*, houve “uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder” (p. 117), sendo os mecanismos disciplinares uma das mais essenciais atuações da governamentalidade moderna sobre o corpo de cada um visando o biogoverno do todo que é a população. A construção dessa nova anatomia política, observa o pensador francês nessa mesma obra, consolidou-se através de “uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral” (p. 119). O objetivo da inserção dos indivíduos em mecanismos disciplinares é o aumento das forças do corpo, “(em termos econômicos de utilidade)” e a diminuição dessas mesmas forças “(em termos políticos de obediência)” (p. 119). Nesse sentido, o presente artigo pretende apontar que a importância fundamental do trabalho para a organização social e política na modernidade constitui-se justamente nesse contexto de disciplinarização dos corpos e normalização do modo de viver de cada um, individual e conjuntamente.

⁸ Luís Antônio Francisco de Souza afirma em seu artigo “Paradoxos da modernidade vigiada: Michel Foucault e as reflexões sobre a sociedade de controle” que o conceito chave para compreender a ideia de dispositivos de segurança deve referir-se em francês ao termo *assurance* como “seguro, seguridade e segurança” (p. 250). Tais dispositivos fazem parte da diversificada atuação do biogoverno no seu grande objetivo de orientar a conduta de cada um, cuidando assim do todo compreendido como população. Enquanto a sociedade disciplinar buscava o corpo somático individualizando-o para normalizar, os dispositivos de seguridade buscam avaliar estatisticamente a população a fim de controlar os riscos biológicos e econômicos a fim de que o fazer viver se torne cada vez mais eficaz. Isso não significa de modo algum que esses últimos dispositivos tenham substituído os mecanismos disciplinares. De acordo com Foucault, tanto a sociedade de soberania própria da Idade Clássica (século XVI a XVIII) quanto a sociedade disciplinar que acentua no século XIX e a sociedade de *assurance* que se desenvolve posteriormente não excluem umas as outras, mas se articulam entre si no contexto da biopolítica e sua racionalidade governamental. Nesse sentido, essas duas dimensões, a

são utilizados no contexto do liberalismo enquanto o quadro mais geral da biopolítica⁹ a fim de construir individualidades reguladas e regulamentadas em seu pensar e em seu agir.

Para ambos os autores em análise, os indivíduos modernos despendem todas as suas energias na manutenção de um modelo de vida que somente lhes possibilita reafirmar os valores morais e ideológicos que já estão consolidados num viver que não vai além do mero estar vivo. São indivíduos incapazes de instaurarem o novo, isto é, novas formas de ser e de pensar, pois são incapazes de não repetir o passado, fazedores de um futuro que é sistemática repetição ou desenvolvimento da tradição em que estão inseridos.

A valorização do trabalho para viver

O que o mercantilismo e o liberalismo enquanto doutrinas político-econômicas, bem como o capitalismo industrial e empresarial enquanto modelo de organização de produção proporcionaram à modernidade, foi a ideia de que o trabalho possui uma dignidade em si suficientemente clara para que todos sejam seus adeptos. Todas as sociedades modernas se consolidaram tendo o trabalho como pilar fundamental para o desenvolvimento de praticamente todos os âmbitos da vida. Esse trabalhar, por sua vez, enquanto estar em função de um outro, de uma fábrica, de uma empresa, de um sistema, etc., ou até de si mesmo e de seus desejos. No entanto, já observava Nietzsche:

[...] a fim de que o trabalho tenha direito a um título honrado, é preciso, antes de tudo, que a própria existência para a qual ele é apenas um meio de tormento tenha mais dignidade e valor do que vem mostrando até agora às filosofias e às religiões.¹⁰

Os sujeitos da modernidade elaboram certo tipo de sociedade em que todos devem entender que a vida por si só já é algo de mais fundamental e de mais valioso. Utilizando-a como meio para uma existência medíocre que se divide entre o trabalho e o consumo enquanto o aproveitar dos frutos que esse labor é capaz de gerar. Adriana Delbó observa, através de uma análise desse mesmo trecho destacado acima, o quanto “Nietzsche coloca em questão não somente a atribuição de valor ao trabalho, mas, sobretudo, o tipo de homem que subjaz à invenção moderna, a nutrir um otimismo servil”¹¹. Toda a existência do ser humano a partir da modernidade é valorada fundamentalmente através do trabalho enquanto meio para a manutenção da vida biológica individual bem como da vida em sociedade, isto

disciplinar e a de seguridade “que permaneciam separadas até o século XVIII”, observa Souza, “com o capitalismo industrial, vão se juntar para garantir a inserção controlada dos corpos no processo produtivo, bem como para ajustar o fenômeno da população às demandas por força de trabalho” (p. 248). Mecanismos disciplinares e dispositivos de segurança são, portanto, fundamentais na inserção do trabalho como essencial ao modo de vida do sujeito moderno.

⁹ Esta afirmação de Foucault encontra-se presente no manuscrito não lido da Aula de 10 de Janeiro de 1979 do curso intitulado *Nascimento da biopolítica*, mais especificamente na página 30 da edição da Martins Fontes de 2008, traduzida por Eduardo Brandão.

¹⁰ NIETZSCHE, *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, p. 39.

¹¹ DELBÓ, “Estado e promoção da cultura no jovem Nietzsche”, p. 47.

é, das relações de uns com os outros. Constituindo, dessa forma, a política como basicamente a administração da rotina de costumes dessas vidas, suas projeções de desejos e interesses.

Ademais, deve-se acrescentar, vida compreendida como aquela que, afirma Delbó, está “em seu sentido meramente biológico, de subsistência”, assumindo assim “uma estatura monumental”, o que irá, para Nietzsche, “operar como obstáculo para uma verdadeira cultura, porque tudo o que se constrói é para ser imediatamente consumido”¹². Acerca do modelo de vida que se consolidava ao longo do século XIX, Nietzsche já observara que:

Agora, comprar e vender são coisas tão comuns quanto a arte de ler e escrever: atualmente, todos exercem esta, ainda que não sejam absolutamente comerciantes, e se exercitam todos os dias nesse tipo de técnica: tal como outrora, nas épocas da humanidade primitiva, todos eram caçadores e se exercitavam cotidianamente na técnica da caça.¹³

Afirma Rosa Dias que Nietzsche percebe “que o Estado e os negociantes são os primeiros grandes responsáveis pela depauperação da cultura”. Em outras palavras, o estilo de vida do mercantilista, do capitalista, e, claro, do trabalhador próprio desse sistema econômico-político vai tornar “impraticável a lenta maturação do indivíduo, a paciente formação de si, que deveria ser a finalidade de toda cultura”¹⁴. Um modelo de vida que mantém a rotina de se levantar todos os dias e gastar todas as horas desses dias entre trabalhar para ter dinheiro e consumir, isto é, gastar o que recebeu por trabalhar.

Percebe Noéli Sobrinho que, “envolvidos como estão na luta pela existência, os teóricos modernos do Estado precisam sacralizar essa dupla dignidade”¹⁵, a saber, o trabalho e a vida. Dessa forma, os indivíduos compreenderão o trabalho como fundamental para valorar a própria vida, organizando, por conseguinte, aquilo que denominam como sua cultura. Não obstante, observa Ernani Chaves que:

Ora, na contracorrente da avaliação moralmente positiva concedida ao trabalho em sua época, Nietzsche vai chamar atenção para o fato de que a relação homem-máquina se estabelece de uma forma que não favorece aos processos criativos, aos processos artísticos por excelência. Ao contrário, esta relação tem o objetivo de organizar a multidão, uma vez que este ordenamento significa a realização de “operações em que cada um só tem de fazer uma coisa”.¹⁶

Nesse ponto, apontamos certa relação da obra de Foucault com o diagnóstico de Nietzsche acerca dos indivíduos típicos da modernidade no que tange justamente à ideia de biopolítica, isto é, no modo de se organizar o governo dos homens de tal forma que eles se

¹² DELBÓ, “Estado e promoção da cultura no jovem Nietzsche”, p. 47.

¹³ NIETZSCHE, *Escritos sobre política*, p. 69.

¹⁴ DIAS, *Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*, p. 55.

¹⁵ SOBRINHO, “Apresentação”, p. 19.

¹⁶ CHAVES, “Estética, ética e política: em torno da questão do trabalho no segundo Nietzsche”, p. 175.

ocupem fundamentalmente com a manutenção de suas vidas¹⁷. Através do estudo que faz sobre o liberalismo e o neoliberalismo o pensador francês observa que o trabalho, com o consumo como o seu outro lado da moeda, ocupa um papel crucial enquanto estrutura das sociedades modernas. O que Foucault aponta é que essas sociedades são formadas por sujeitos autointeressados que têm como motor de ação uma lógica econômica fundamentalmente pautada numa avaliação do prazer e da dor para agir, “esse princípio de uma opção individual, irreduzível, intransmissível, esse princípio de uma opção atomística e incondicionalmente referida ao próprio sujeito – é isso que se chama interesse”¹⁸. Compreendemos, portanto, esse sujeito de interesses como correlato da representação do indivíduo moderno criticado por Nietzsche em seus escritos.

Nietzsche opõe-se tanto ao socialismo como ao liberalismo tendo como base o fato de que, apesar das diferenças entre eles, não são mais do que tentativas de uma gestão econômica da sociedade, em que a cultura é desvalorizada e a lógica utilitária é que governa.¹⁹

Modelos de sociedades, organizações políticas, portanto, que permitem os indivíduos com suas lógicas de ação utilitária, isto é, que busca o útil e o prazeroso. Permitindo, por sua vez, um modelo governamental que massifica os indivíduos por uniformizar o modo de vida pela disciplina e pela constante regulação e regulamentação do indivíduo, suas atividades e mesmo relações com os outros. Tanto para Nietzsche quanto para Foucault as sociedades modernas apenas desenvolveram maneiras de se organizar social e politicamente que no fundo não passam da administração de um rebanho que está unido por um modo utilitarista de perceber sua vida e a dos outros numa constante busca pela realização de seus desejos²⁰.

O trabalho constitui-se como elemento-chave em toda a discussão biopolítica de Foucault, pois será fundamental na organização e manutenção de um modo de vida regulamentado e uniforme. É o mesmo modo de vida que restringe constantemente o espírito criativo de que nos fala Nietzsche. As análises elaboradas pelos dois autores convergem, pois, na crítica da modernidade que tange ao modo como se organiza o âmbito social e à política através de sua compreensão da vida pelo trabalho. Não há espaço para as pessoas serem mais do que um simples aglomerado de indivíduos autointeressados. Um aglomerado de sujeitos que se uniformizam tendo o trabalho como central na perpetuação de sujeitos disciplinados, incapazes de elaborar novos valores, novos modos de ser e de pensar para além do que foram orientados a ser. Nas duas críticas, tanto a foucaultiana quanto

¹⁷ No constante “fazer viver e deixar morrer” que caracteriza a biopolítica moderna em contraposição ao “fazer morrer e deixar viver” próprio da soberania clássica que Foucault caracteriza na última parte de sua obra *História da sexualidade I: A vontade de saber*.

¹⁸ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 372.

¹⁹ ANSELL-PEARSON, *Nietzsche como pensador político: uma introdução*, p. 53.

²⁰ Essa referência acerca do desejo como parte das técnicas de poder e de governo é apresentada por Foucault ao longo da Aula de 25 de Janeiro de 1978, no curso intitulado *Segurança, território, população*. Nessa mesma aula Foucault (p. 95) observa que o “desejo é aquilo por que todos os indivíduos vão agir”, sendo o desejo “a busca do interesse para o indivíduo”. O que difere é a produção do interesse coletivo pelo jogo do desejo coletivo que cada governamentalidade irá pôr em prática, seja a socialista, a nazista, a liberal, a neoliberal, etc.

a nietzschiana, expõe-se um modo de ser que se contenta em viver, mas sem condições, sem vontade, sem poder ou fôlego para construir novas relações, novas maneiras de existir para além essencialmente da mera manutenção do biológico.

No aforismo 263 o pensador afirma que “numa humanidade altamente desenvolvida como a de hoje, cada um tem da natureza a possibilidade de alcançar vários talentos”²¹. Porém, devemos entender esse *talento nato*²² como essa capacidade de especialização, de trabalho técnico, que a modernidade tão bem sabe desenvolver nas pessoas para torná-las operárias de algum saber útil ao sistema.

O sujeito moderno, por conseguinte, deve ser entendido a partir dessa ideia de que na modernidade cada um pode desenvolver aquilo que considera como o seu próprio talento, sua vocação. Um dos principais fundamentos desse modo de vida que se desenvolve ao longo da modernidade é a exigência de uma formação especializada, para terem a seu serviço funcionários eficientes e estudantes dóceis, que aprendam rapidamente a trabalhar para passar a vida consumindo. Ser talentoso na modernidade é exercer alguma função na sociedade enquanto especialista, é delimitar-se para sempre numa habilidade.

Por outro lado, o indivíduo da atualidade, sem conseguir ou querer conseguir sair desse ciclo de trabalho para viver e viver para o trabalho, não consegue ser criativo. “A escravidão moderna é, para Nietzsche, uma *barbárie*, porque aqueles para quem os escravos trabalham têm as mesmas características destes, porque a busca do lucro e dos prazeres que o espírito mercantil oferece são *concepções servis da vida*”²³. Homens medíocres e tacanhos, pois buscam alargar sua existência ao máximo para somente desfrutar de todo tipo de prazer que seu trabalho é capaz de lhes proporcionar. Prazer regulado e controlado para que o papel de trabalhadores não seja afetado negativamente, mas de modo apenas a potencializá-lo. Em Foucault, temos o *homo oeconomicus* e sua lógica de ação simplista; em Nietzsche, indivíduos apequenados que mal conseguem pensar para além da “assustadora luta pela existência”²⁴.

Nietzsche ainda observa que mesmo quando, pelo suor do seu trabalho, o indivíduo apresenta condições de se liberar da constante luta pela existência, isto é, consegue mais do que necessita para satisfazer confortavelmente suas necessidades mais básicas e assim poder realizar para além da mera luta pela sobrevivência, ele constantemente passa então a “gerar e satisfazer um novo mundo de necessidade”²⁵. Em outras palavras, mesmo quando alcança um patamar onde já está consolidado aquilo que há de mais básico para a manutenção da vida – alimentação, vestuário, moradia, locomoção, etc. –, o homem moderno a cada dia cria novas necessidades para satisfazer ou novas maneiras de satisfazer as necessidades que já possui. Na cadeia de produção e consumo desse mundo economicamente ordenado, os indivíduos modernos mantêm suas vidas, investem todas suas energias na tentativa de sustentarem suas existências num patamar de máximas satisfações. Nesse mesmo sentido, pode-se pensar o sujeito de interesses por trás da biopolítica em Foucault como aquele que é incapaz de sair dessa lógica utilitarista da incessante busca por autossatisfação e realizar algo novo dentro da tradição que se perpetua à sua volta.

²¹ NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano*, p. 181.

²² Posto em itálico pelo próprio Nietzsche no aforismo citado.

²³ SOBRINHO, “Apresentação”, p. 13 (grifos do autor).

²⁴ NIETZSCHE, *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, p. 40.

²⁵ NIETZSCHE, *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, p. 43.

Viver: entre trabalhar e consumir

No lazer que tanto se preza nas sociedades modernas, os indivíduos modernos

[...] se emocionam com suas diversões [o que caracteriza mais especificamente nossa época]. As suas cervejarias e as suas tabernas, o comedimento que eles se impõem nas suas confortáveis conversas, as suas festas, as suas igrejas – tudo isso é de uma completa mediocridade, pois aí é preciso evitar um gasto muito grande de espírito e de força, portanto também não exigir muito – trata-se de repousar. – Sim! *Otium*! Estes são os lazeres daqueles que possuem ainda todas as suas forças em atividade.²⁶

O modo como o homem moderno se diverte não deixa de fazer parte da sua mentalidade de escravo. As formas de lazer dos indivíduos atualmente constituem-se nesses comedidos prazeres que não atrapalham a vida e o trabalho. Pelo contrário, são tipos de divertimentos que acabam por otimizar a volta ao trabalho. Em outras palavras, é o descansar para melhor trabalhar ou o consumir que é um impulsionar o trabalho de outrem. Afinal, “os homens sempre obedecem e fazem mais do que obedecer, desde que possam também se embriagar!”²⁷. Dessa forma, entre a fábrica ou a empresa e o bar, isto é, o entretenimento, os sujeitos modernos vão construindo suas vidas e, conseqüentemente, uma política e uma sociedade que terão uma cultura onde a preocupação fundamental é a manutenção desse sistema de trabalho/produção e lazer/consumo.

Estar em atividade, no entanto, não como algo positivo para Nietzsche, pois são os homens da “estupidez mecânica”²⁸, ativos sim porque passam a maior parte do seu tempo trabalhando, ou seja, agindo de modo sistemático, repetitivo e programado numa manutenção complexa do sistema no qual estão inseridos. Acabam então apenas por reproduzir a estrutura governamental com seu biopoder uniformizante e regulamentado. Os sujeitos modernos fazem, portanto, do seu futuro o perpetuar de seu passado através da repetição da rotina de trabalho e lazer que se vive todos os dias, todas as semanas, ano após ano.

A modernidade construiu assim um modelo de vida onde todos, sem exceção, servem ininterruptamente como peça para o funcionamento do mesmo sistema capitalista industrial-empresarial. Não interessa qual a função que se ocupe dentro das inúmeras opções técnicas que existem nesse mundo globalizado ou mesmo a posição que se tem na hierarquia social. Nas sociedades modernas todos se comportam como os espíritos inferiores incapazes de fazerem algo além dos costumes que já possuem. Homens ativos que trabalham incessantemente dia após dia, década após década, porque não dizer, vida após vida, sem fazer brilhar uma fagulha daquele espírito superior de que nos fala Nietzsche, daquele espírito criativo que consegue elaborar novos valores para além dos valores morais que a modernidade já atribuiu ao trabalho.

²⁶ NIETZSCHE, *Escritos sobre política*, pp. 72-73.

²⁷ NIETZSCHE, *Escritos sobre política*, p. 60.

²⁸ NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano*, p. 191.

Em relação a essas ideias, Foucault parece ressoar o pensamento de Nietzsche em sua análise sobre a cultura própria da modernidade e os indivíduos que são responsáveis por sua elaboração. Em outras palavras, para o pensador francês, o modelo de poder político da modernidade se desenvolveu de tal maneira que, seja individualmente – pelo poder disciplinar dos corpos –, ou conjuntamente – pelo biopoder que avalia a espécie –, toda pessoa está submetida ao mesmo modelo massificado de vida. Independente da posição social ou das condições financeiras, cada um sem falta está, para Foucault, inserido nessa lógica de um poder normalizador e regulador. É o ser humano “nivelador e uniformizante, que esconde detrás de sua doutrina da igualdade o congelamento de uma só perspectiva, a interrupção da vontade criativa da vida”²⁹.

No entanto, o que as pessoas da modernidade fazem é perpetuar o passado na mesma medida que a tradição se propaga pela ação dos sujeitos. Padronização, portanto, que não só acontecerá no presente, mas que se prolongará no futuro, pois esse será apenas uma repetição do já tradicionalmente vivido. Paralelamente, o biopoder foucaultiano também promove esse modelo de sociedade que não deixa brotar em si o novo, o diferente, mas apenas o normal, o comum. O sujeito moderno é “um homem cada vez mais (auto) governável porque cada vez mais poroso ao eterno recomeço de um trabalho sísifico sobre si próprio”³⁰. Nietzsche percebera essa capacidade dos governos de regular a vida de cada um e assim padronizar a de todos. Em *Opiniões e sentenças misturadas*, o pensador alemão afirma que “os governos dos grandes Estados dispõem de dois meios para manter o povo na dependência, no temor e na obediência: um mais grosseiro, o exército, o outro mais sutil, a escola”³¹. Aqueles que não perceberem a regularidade do trabalho como atraente e digno serão coagidos pelo Estado ou apontados como indignos de estarem junto ao rebanho. O indivíduo moderno não consegue se desenvolver para além dessa luta pela existência, nesse par trabalho/produção-consumo/diversão.

De acordo com Goicochea,

[...] grande parte da crítica de Nietzsche ao sujeito moderno tem como objetivo liberar a capacidade criativa do ser humano, para que esse possa valorar, interpretar e acrescentar-se a si mesmo se dando certa forma, modelando seu próprio eu.³²

Concepção impensável nesses sujeitos modernos, pois regulamentados como são, só conseguem interpretar os indivíduos singulares como anormais, isto é, necessitados de massificação. Essa questão da impossibilidade de se tornar um ser singular, haja vista estar inserido numa comunidade da grande massa, merece uma atenção um pouco maior. Afinal, esse mesmo sistema de rebanho moderno possui todo um desenvolvimento ideológico da

²⁹ GOICOCHEA, *La crítica de Nietzsche a la democracia*, p. 129. Tradução própria a partir do original em espanhol.

³⁰ AQUINO, “A governamentalidade como plataforma analítica para os estudos educacionais: a centralidade da problematização da liberdade”, p. 206.

³¹ NIETZSCHE, *Escritos sobre política*, p. 156.

³² GOICOCHEA, *La crítica de Nietzsche a la democracia*, p. 127. Tradução própria a partir do original em espanhol.

individualidade bem como o seu valorizar constante dentro de uma lógica que ressalta a liberdade como princípio fundamental.

No entanto, para percebermos como a modernidade consegue sustentar sua massificação social, não devemos pensar que a ideia de indivíduo seja um paradoxo. Pelo contrário, devemos seguir as pesquisas de Foucault e perceber como o sistema político-econômico da modernidade se utiliza da individualidade como mecanismo ideológico para melhor capturar o indivíduo, o corpo em sua singularidade, e assim melhor conduzir o todo que se constitui como um rebanho. Delbó já havia apontado claramente para a existência de

[...] uma denúncia de Nietzsche da imposição de uma noção de responsabilidade escondida atrás da liberdade proclamada pelo Estado: para ser considerado responsável, o homem precisa ser considerado livre e melhor ainda é ele acreditar que ao fazer o que lhe é exigido, ao fazer igual a todos os outros, ele está escolhendo agir de acordo com sua liberdade.³³

Dessa forma, num mundo onde se destaca a individualidade, essa se adéqua muito bem com esse modelo de formação onde se investe na capacitação especializada e técnica das pessoas num mundo competitivo. Afirmar Lazzarato que para

[...] ‘tornar possível’ o trabalho, o governo liberal deve investir a subjetividade do trabalhador, isto é, suas escolhas, suas decisões. A economia deve tornar-se economia das condutas, economia das almas.³⁴

Assim elas servirão melhor à reprodução do sistema vigente e nenhuma oportunidade terão para se apresentarem como espíritos criativos.

A individualidade é ressaltada nesse contexto onde cada homem moderno deve buscar exercer seu talento para um melhor governar do todo. Diante de cada pessoa há uma infinita série de possibilidades e de ações as quais a atualidade apresenta como sendo a expressão da liberdade dos indivíduos modernos. Ledo engano, ou antes, armadilha bem construída pela modernidade política e sua cultura do espírito inferior, pois dessa forma o que ocorre na verdade é uma adaptação dos indivíduos às funções, isto é, aos talentos, que sua organização social exige para se manter. Sociedade que fala em progresso, mas que não consegue ir para além de uma eterna sofisticação de seu próprio sistema. Para ambos os autores tanto faz o capitalismo ou o socialismo. Os dois modelos políticos têm como fundamental a manutenção da vida em seu mero viver, para tanto há a regulamentação e a constante tentativa de padronização de todas as ações e relações sociais. Sujeitos normalizados, disciplinados e segurados na manutenção de um modo de ser como padrão, dóceis e eficientes.

O homem moderno somente é capaz de perpetuar o estilo de vida massificado do trabalhar e consumir. Isso significa que ele nada consegue acrescentar como algo novo na sociedade da qual faz parte. O homem moderno não é fazedor de cultura superior para

³³ DELBÓ, “A questão do livre arbítrio e a crítica de Nietzsche ao Estado moderno”, p. 215.

³⁴ LAZZARATO, “Biopolítica/Bioeconomia”, p. 49.

Nietzsche, justamente por lidar com a história, isto é, com seu passado, somente de um modo repetitivo, perpetuador da tradição da qual faz parte. Como simples repetidor daquilo que já foi, dos costumes que constituem o tradicional, esse indivíduo do trabalho e do consumo somente traz para o futuro a mesma rotina da sua perpétua busca por progresso. Incapaz de usar o presente para construir algo novo, para formar uma cultura superior onde as pessoas possam ser capazes de se transvalorarem, de trazerem para seus modos de ser e de pensar novos valores, sempre. Sem essa verdadeira cultura do espírito só restou ao homem moderno refazer no hoje e no amanhã aquele repetitivo trabalhar e comprar, construindo uma vida de acumulação de satisfações.

Uma sociedade de ovelhas: o desaparecimento do gênio

Uma última relação que pode ser pensada é justamente os apontamentos de Foucault acerca da ideia do pastorado cristão que caracteriza tão bem a modernidade e sua maneira de fazer política. A biopolítica, tal como elaborada pelo pensador francês, não só com seus sistemas de legalidade, mas também com seus mecanismos disciplinares e seus dispositivos de segurança, consegue governar os indivíduos como um pastor orienta seu rebanho. Organizando não só o todo, mas também orientando a consciência de cada um naquilo que é considerado a normalidade da tradição. A regulamentação da vida dos indivíduos tal como apresenta Foucault é consequência do modelo de cultura inferior estruturado pela sociedade de escravos que Nietzsche observou se desenvolver na modernidade.

Michel Foucault aponta em suas pesquisas o pastorado como a relação de poder própria da política moderna. Esse rebanho que é massificado para ser governado é o mesmo que Nietzsche nos aponta logo no início da *Segunda consideração intempestiva* quando de maneira imperativa escreve:

Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado.³⁵

Um tipo de governo que ao pastorar sua população acaba impedindo justamente aquilo que Nietzsche denomina como gênio. Sendo todos os indivíduos iguais nesse estilo de vida guiado por uma lógica utilitarista, a limitação está posta para o aparecimento da cultura superior tal como o pensador alemão a descreve. Sociedade que regularmente gasta sua energia num viver entre o trabalhar e o consumir simplesmente, sem ser um elaborador de uma cultura do espírito, não possibilita o surgimento do gênio enquanto “um instrumento do fundo criador da vida, que vê refletida sua própria essência na criação artística”³⁶. Não há, portanto, a consolidação de uma cultura do espírito superior na modernidade, mas meros

³⁵ NIETZSCHE, *Segunda consideração intempestiva*, p. 7.

³⁶ FINK, *La filosofía de Nietzsche*, p. 42. Tradução própria a partir do original em espanhol.

trabalhadores e viventes que não querem se propor a uma constante renovação, a um trazer o novo, no seu próprio viver e seu trabalhar.

Essa sociedade onde o trabalho do homem-máquina é fundamental constitui-se numa organização social onde se limita ao máximo a possibilidade do aparecimento de indivíduos que vão transvalorar os valores estabelecidos pela tradição. É a clara distinção feita pelo pensador alemão e que Delbó recupera em seu artigo quando aponta que “Nietzsche distinguiu o homem que obedecia à tradição de forma inquestionável e ‘o homem autônomo’ que quer criar suas próprias regras”³⁷. Os sujeitos modernos são, por conseguinte, responsáveis pela construção de uma cultura que definitivamente não é a do espírito superior. São indivíduos sem criatividade, sem vontade de poder, conformados com sua vida voltada para o trabalho e para o consumo, numa constante repetição de sua típica rotina.

“Em oposição a esse ser humano doméstico”, afirma Goicochea, existe “um novo tipo de ser humano que rechaça a igualdade, glorifica a distância e adota a criatividade”³⁸. Esse sujeito é o gênio, isto é, o espírito superior capaz de elaborar uma cultura diferenciada daquela massificada que as sociedades do trabalho e do consumo unicamente são capazes de produzir. Espíritos capazes de renovar os costumes e as crenças de uma época graças aos novos valores que são capazes de inserir em suas sociedades.

Diferentemente dos homens de talento, queridos pelos seus contemporâneos, capazes de satisfazer às necessidades de sua época, porque investem no avanço de uma ciência particular ou no desenvolvimento progressivo de seus contemporâneos. O gênio não cria com a finalidade de contribuir imediatamente para preencher as necessidades ou ser útil para sua época; o valor de suas obras somente a posteridade reconhecerá.³⁹

Pela interpretação nietzschiana acerca da modernidade, podemos perceber essa fácil governabilidade de cada um e do todo como o bloqueio constante do surgimento do gênio, isto é, daquele espírito capaz de transvalorar seu próprio tempo. Afinal, numa comunidade onde todos estão inseridos num processo de normalização e regulamentação, não há possibilidade alguma do surgimento de um tipo diferente de indivíduo. Esse, por sua vez, poderia apresentar algo de novo para a sociedade e assim fazer do futuro algo diferente do passado.

Educados desde a infância para possuir “talentos”, isto é, para ser ao máximo um trabalhador especializado eficiente, esses sujeitos não terão nem tempo e nem capacidade para se dedicarem à realização de novas interpretações e novos valores em ligações inéditas que somente os gênios são capazes de promover. São indivíduos envolvidos apenas com as questões do mero viver – o par trabalho-consumo –, incapazes de produzir uma cultura dinâmica que renove seu futuro a partir do presente e do passado.

³⁷ DELBÓ, “A questão do livre arbítrio e a crítica de Nietzsche ao Estado moderno”, p. 203.

³⁸ GOICOCHEA, *La crítica de Nietzsche a la democracia*, p. 120. Tradução própria a partir do original em espanhol.

³⁹ DIAS, *Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*, p. 71.

Acácio Augusto escreve, em sua leitura foucaultiana, acerca dessa “apropriação metamorfoseada da direção de consciência exercida pelo pastor”⁴⁰, como fundamental para o funcionamento do biopoder. Não há, pois, espaço na biopolítica tal como Foucault pesquisa, para o desenvolvimento de personalidades singulares e autônomas, mas apenas de sujeitos normalizados e comuns. Esses, disciplinados e segurados, não saem da normalidade, não tornar-se-ão nunca expressões daquilo que Nietzsche apontou como o gênio, isto é, como aquele que sempre transforma a realidade em que vive através de novos valores que vão para além daqueles que já estão consolidados. Os indivíduos modernos serão sempre o comum que se perpetua numa cultura de um sistema econômico-político estruturado para não permitir o diferente.

Como já observava Dias, uma organização sociopolítica onde “o jovem aprenderá o que é a cultura e não o que é a vida, isto é, não poderá de modo algum fazer suas próprias experiências”. Essa cultura dos espíritos inferiores será colocada na mente do jovem e, continua Dias, por ele

[...] incorporada sob a forma de conhecimento histórico; seu cérebro será entulhado de uma enorme quantidade de noções tiradas do conhecimento indireto das culturas passadas e de povos desaparecidos, e não da experiência direta da vida.⁴¹

Considerações Finais

Nesse sentido, Foucault parece seguir a crítica de Nietzsche, portanto, quando aponta essa incapacidade dos homens modernos de experimentar o novo a partir de um refazimento do presente. Refazer que se estabelece numa absorção do passado de modo a transformar o presente e instaurar novos valores no futuro que se cria artística ou mesmo tragicamente. É a vontade de abandonar um modelo de vida que apenas se preocupa em manter os princípios e fundamentos já estabelecidos pela tradição.

Os indivíduos da modernidade, de acordo tanto com Nietzsche bem como com Foucault, somente conseguem desenvolver certo modelo de cultura onde os homens só conseguem pensar em trabalho e em consumir os frutos desse labor diário. São os sujeitos medíocres que, observa Foucault, não agem para além de uma lógica de ação entre o prazer e a dor, entre o útil e inútil. Indivíduos que buscam somente seus próprios interesses, sendo que esses devem sempre estar de acordo com a normalidade regulamentada pelo seu biogoverno. Incapazes de sair dessa busca por satisfazer seus prazeres regulados, os sujeitos modernos não conseguem elaborar uma cultura para além da busca e do cultivo dos bens materiais e materiáveis que produzem e consomem. Uma cultura das coisas, portanto, mas nunca, como pensava Nietzsche, uma cultura do espírito. Modernidade que repudia e pede a inexistência do espírito superior que é capaz de trazer novos valores, rompendo, ou melhor, transvalorando a tradição, isto é, reconstruindo o modo de ser e de pensar de sua própria época.

⁴⁰ AUGUSTO, “Política e Polícia”, p. 30.

⁴¹ DIAS, *Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*, p. 53.

WORK FOR LIFE AND LIFE FOR WORK: A CONFLUENCE BETWEEN NIETZSCHE AND FOUCAULT ABOUT MODERN MAN

Abstract: The main objective of this paper is to understand some fundamental aspects to the way of thinking and doing politics as developed from modernity having as main reference the contrast between small politics and big politics from Friedrich Nietzsche's work in relation to the conception of biopolitics by the sayings and writings of Michel Foucault. More specifically, the present approach will be based on the relevance given to work in the construction of modern societies within the assessment made by the aforementioned German philosopher and French thinker. In Nietzsche's terms, a culture that does not value the spirit, but which is elaborated by modern "slaves", given precisely the centrality of work in the construction of social life as well as politics, most notably from the nineteenth century. According to Foucault's ideas, individuals are constantly disciplined and regulated through work as a fundamental aspect of modern governmentality in order to promote biogovernment of useful and docile lives. Bringing, moreover, the role of formation, that is, what is set as the objective of education in both authors in order to clarify the main characteristics of modern society. Noting, in this way, the relationship between Nietzsche and Foucault regarding the point that the educational formation that develops from industrial capitalism seeks to structure the subject in order to become a worker, that is, in order to integrate him into the system of production-consumption to exhaust their maximum contribution to the maintenance of the model already established.

Keywords: ethics – politics – modernity – work – consumption

Referências Bibliográficas

ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Mauro Gama; Cláudia Martinelli (tradução) e Fernando Salis (consultoria). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

AQUINO, Julio Groppa. "A governamentalidade como plataforma analítica para os estudos educacionais: a centralidade da problematização da liberdade". In: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (organizadores). In: *Foucault: filosofia & política*. Coleção Estudos Foucaultianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, pp. 195-211.

AUGUSTO, Acácio. Política e Polícia. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (organizadores). In: *Foucault: filosofia & política*. Coleção Estudos Foucaultianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, pp. 19-35.

CHAVES, Ernani. "Cultura e Política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt". In: *Cadernos Nietzsche*, n. 9. São Paulo: Grupo de Estudos Nietzsche, 2000, pp. 41-66.

_____. "Estética, ética e política: em torno da questão do trabalho no segundo Nietzsche". In: *Revista Dissertatio*, UFPel, vol. 33, 2011, pp. 173-187.

DELBÓ, Adriana. "A questão do livre arbítrio e a crítica de Nietzsche ao Estado moderno". In: *Ethica: Cadernos Acadêmicos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 1 e 2, 2004, pp. 199-219.

_____. "Estado e promoção da cultura no jovem Nietzsche". In: *Cadernos Nietzsche*, n. 23. São Paulo: Grupo de Estudos Nietzsche, 2007, pp. 27-57.

DIAS, Rosa. *Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

DÍAZ, Esther. *A filosofia de Michel Foucault*. Tradução de Cesar Candiotto. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FINK, Eugen. *La filosofía de Nietzsche*. Título Original: *Nietzsches Philosophie*. Versión española de Andrés Sánchez Pascual. Madri: Alianza Universidad, 1996.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Em defesa da sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOICOCHEA, Diego Felipe. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. Bogotá: Universidade Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Filosofía, 2009.

LAZZARATO, Maurizio. “Biopolítica/Bioeconomia”. In: PASSOS, Izabel C. Friche (Organizadora). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Coleção Estudos Foucaultianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, pp. 41-52.

NALLI, Marcos. “Foucault: um fenomenólogo malgré lui?”. In: SCANVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Organizadores). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006, pp. 263-279.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução e prefácio de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

_____. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Segunda consideração intempestiva*. Rio de Janeiro: Relime Dumará, 2003.

_____. *Escritos sobre política*. Organização, tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *Segunda consideração extemporânea: sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Luis Mota Itaparica. Sem data.

SCANVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Organizadores). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

SEIXAS, Rogério Luis da Rocha. “Uma ontologia crítica da racionalidade política na atualidade”. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (Organizadores). *Foucault: filosofia & política*. Coleção Estudos Foucaultianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, pp. 333-347.

SOBRINHO, Noéli Correia de. “Apresentação”. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Escritos sobre política*. Organização, tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007.

SOUZA, Luís Antônio Francisco de. “Paradoxos da modernidade vigiada: Michel Foucault e as reflexões sobre a sociedade de controle”. In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Organizadores). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006, pp. 241-259.

WOTLING, Patrick. “A problemática da civilização contra a problemática da verdade. A missão do filósofo segundo Nietzsche”. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 26. São Paulo: Grupo de Estudos Nietzsche, 2010, pp. 13-34.